

## PONTO POR PONTO

Ingrid Noll

*STICH FÜR STICH*, 1997

Deve ser de família: a minha avó e a minha mãe bordaram até à exaustão. Naquele tempo, trabalhos deste género eram levados a sério e não eram apelidados, com desprezo, passatempo ou terapia ocupacional. A minha avó bordou o seu monograma em todo o seu enxoval, jogos de cama e atoalhados, camisas de noite e roupa interior; a minha mãe era mestre em bordado inglês, tudo a branco. Talvez por essa razão tenham ambas perdido progressivamente a visão, apesar do meu oftalmologista afirmar que isso não está comprovado. Resta saber se faz algum sentido abrir orifícios em toalhas brancas para depois os bordar ou se é necessário ter um monograma em todos os panos de cozinha.

No que me diz respeito, admito que bordo por prazer. E nunca me contentaria com orifícios brancos ou com monogramas vermelhos – simplesmente enfadonho. Os bordados têm de ser coloridos, cheios de fantasia e expressivos. Os meus começos foram modestos; com um motivo bordava ponto de cruz em estamena: florzinhas em aventais, florzinhas em toalhas, florzinhas em almofadas. Devo, aliás, admitir que os bordados ficavam um pouco simples, mas também queridos e alegres e eu, afinal, ainda era muito jovem.

Depois destes sucessos iniciais, ganhei coragem e aprendi o ponto pé de flor e o ponto cheio. Cheguei a estar horas a fio em retrosarias a colocar lado a lado linhas de retrós coloridas ou de bordar e a fazer combinações. Azul e rosa-pêssego, turquesa e amarelo-mel, vermelho-salmão e castanho-chocolate, prateado e azul escuro, marfim e verde-jade. As minhas fronhas já não eram lisas nem embelezadas com rosinhas dispersas, mas sim um único mar de flores.

Mas o expoente máximo é o ponto gobelim. Uma colega jugoslava mostrou-me um catálogo por onde se poderiam encomendar os motivos de quadros famosos para depois os transformar – com o trabalho de um ano – num bordado impressionante. Entusiasmei-me. O catálogo também continha motivos para trabalhos mais pequenos, tais como cobertas para banquinhos e cruzetas, que se transformavam em presentes encantadores. Desde então,

nunca mais tive serões a ver televisão, passeios aos domingos, palavras cruzadas ou idas ao cinema.

Quando chego a casa do emprego, despacho rapidamente as minhas tarefas domésticas, coloco o meu jantar pré-preparado no micro-ondas e, nos cinco minutos até o jantar estar aquecido, dispo a roupa do trabalho, enfio um fato de treino e ligo o rádio. Não desperdiço tempo a fazer telefonemas, compras, leituras de jornais ou visitas à família. Deveres sociais para com colegas ou familiares, resolvo com um presente no Natal. Quando recebem capas para livros, pequenos quadros, marcadores de livros, almofadas aromáticas ou abafadores de bule bordados, têm dificuldade em acreditar que investi tanto tempo na amizade. “Quanto tempo demorou a fazer isto?” é a pergunta da praxe. Eu registo tudo. Conforme o grau de parentesco ou o tipo de relação com os colegas, conto entre 20 a 400 horas de trabalho. Isto impressiona. Afirmam que não podem aceitar o meu presente nem retribuí-lo. No ano seguinte, não devo repetir, tenho de prometer. Eu sorrio enigmaticamente e digo: “Vamos ver!”.

Provavelmente, nunca teria desenvolvido uma paixão tão grande por trabalhos manuais, se, aos 17 anos, quando os amigos da minha idade iam nadar no Verão e dançar no Inverno, não tivesse adoecido com hepatite. Tinha de me curar, ficar em casa e descansar muito. Teria sido enfadonho se não tivesse, por acaso, encontrado no cesto de costura da minha mãe um bordado que ela tinha iniciado. A minha mãe ficou um pouco admirada por eu mostrar interesse por jogos de paciência como este; no entanto, ajudou-me o suficiente para que esta primeira peça saísse bastante bem.

De resto, mesmo depois da minha convalescença, ainda fiquei com a saúde debilitada, por assim dizer um meio quilo de gente, com pouca força e com dificuldades de relacionamento com os outros. Estudei Contabilidade com pouco entusiasmo, mas consciente dos meus deveres. Pode-se confiar em mim a cem por cento, algo que é valorizado pelo meu chefe. Para além disso, os meus colegas sabem que devem respeitar a minha necessidade de sossego e solidão. No meu gabinete não se entra sem uma razão convincente e muito menos sem bater à porta. No fundo, têm pena de mim porque não tenho família – mas eu não sinto falta de nada, acreditem ou não. Antes pelo contrário, seria muito perturbador para os meus serões se não me pudesse concentrar na minha verdadeira vocação.

Há muito tempo que arrumei os meus primeiros quadros – motivos com cavalos, gatos e flores dos Alpes; quando não estou a bordar um presente decorativo, mas útil, ocupo-me essencialmente com a arte clássica. Na sala de

estar, tenho pendurados quadros bordados de Rembrandt, Lukas Cranach, Miguel Ângelo; no quarto de dormir, Madonas de quatro séculos; na cozinha, impressionistas franceses, só para referir alguns. Infelizmente, não tenho espaço suficiente para tornar todos os meus sonhos realidade. Seria bonito, por exemplo, pendurar o quadro “Criança com pomba” de Picasso sobre a minha mesa de jantar, mas aí já se encontram os meninos a comer uvas de Murillo e os girassóis de Van Gogh.

Aliás, foi com este holandês genial que apliquei, pela primeira vez, a minha invenção favorita – melhorei as cores originais. Todos conhecem girassóis amarelo-dourados, assim como castanho-murchos. Mas azuis são absolutamente invulgares, e este quadro ganhou muito com a minha ideia. Entretanto, já utilizei o meu truque mais vezes e consegui, deste modo, efeitos novos e admiráveis. No entanto, senti algum aborrecimento durante muitos dias quando soube dos cavalos vermelhos de Franz Marc. Não é que este sujeito teve a mesma ideia que eu, só que mais cedo!

Necessitava de um apartamento maior, mas, infelizmente, isso é também um problema financeiro. Estou a pensar alugar uma garagem, apesar de não possuir nem carta de condução, nem carro. Mas há qualquer coisa de espectacular em transformar, com quadros clássicos, quatro paredes brancas num pequeno museu. Até agora, ainda não encontrei nenhuma garagem que pudesse satisfazer as minhas necessidades especiais.

Mas um dia aconteceu uma alteração desagradável no meu ritmo de vida tão regular. Numa manhã de sábado, caí no supermercado. Estava calor e eu estava com pressa, quando subitamente vi tudo preto. Só na ambulância recuperei de novo os sentidos. O meu médico, que não consultava há muito tempo, não diagnosticou nada para além de tensões baixas, mas quis saber minuciosamente sobre o meu dia-a-dia. Foi aí que, pela primeira vez, tomei consciência de que não fazia exercício físico. São só alguns passos do meu apartamento até à paragem de autocarro e daí outros tantos até ao meu escritório. O médico aconselhou-me umas termos.

Em Bad Wörishofen vivi exclusivamente para a minha saúde e não levei – isto até parece quase masoquista – nem bastidor, nem linhas e agulhas. O dia começava ainda na cama com um saco de palha colocado na nuca tensa. Antes do pequeno-almoço, tinha de andar em água; de me submeter, de seguida, a uma massagem e de passear duas vezes por dia. Pela primeira vez na minha vida, desenvolvi um apetite saudável, de modo que ia, às vezes, da parte da tarde, ao café. Não prestei atenção aos programas culturais porque não estava lá

para ouvir concertos e palestras. Além disso, levei o meu rádio e os auscultadores porque para o meu equilíbrio psíquico é indispensável ouvir as notícias de hora a hora.

Depois de três dias consciente dos meus deveres, sentou-se à minha mesa, no café sobrelotado, uma estranha. Até aí tinha evitado ao máximo o contacto com os doentes queixosos da Segurança Social e limitei-me a responder com monossílabos. Mas a senhora não desistiu da sua tagarelice animada e combinou para o dia seguinte um passeio comigo. Fomos visitar uma falcoaria. Com admiração, verifiquei que era divertido fazer algo a dois. A partir daí, nunca mais se repetiram os meus passeios solitários pela natureza.

Como já foi dito, nunca tive necessidade de ter a minha própria família. No entanto, às vezes gostaria ter tido uma amiga. Nesse aspecto, aliás, eu tinha um cuidado excessivo e observava Gunda Mortensen com atenção reservada. O tratamento por tu dificilmente se pode anular – histórias e confissões da nossa infância ou da nossa vida particular deixam de ser propriedade nossa quando as revelamos abertamente. Mas a Sr.<sup>a</sup> Mortensen tinha muito para contar; nem notava que eu apenas fazia comentários simpáticos e compreensivos, excluindo a minha pessoa e o meu mundo. Também nunca fiz nenhum comentário em relação ao meu grande amor pela arte.

Três semanas passaram rapidamente. A despedida não foi fácil para mim, apesar de, por outro lado, ansiar pela minha casa e pelo meu passatempo. Sentia-me com saúde e força criativa. A Gunda ficou de me escrever; não vivia muito longe e talvez um dia pudesse visitar-me. Eu gostaria muito, mas não queria ser impertinente com um convite directo.

Já o dia-a-dia tinha voltado ao seu ritmo, quando um dia recebi uma carta encantadora da minha conhecida de Wörishof. Escrevia essencialmente sobre si própria, a sua vida de viúva, os filhos e o primeiro neto. Era um mundo que eu desconhecia, apesar das minhas colegas me contarem coisas semelhantes. Depois de um prazo adequado, respondi-lhe e fiquei à espera de resposta. Logo na carta seguinte ela anunciou uma visita, o que me alegrou bastante.

Pode parecer estranho, mas ninguém, excepto a minha falecida mãe, tinha visitado até então o meu apartamento. Aliás, também nunca convidei vivalma para o fazer.

Como ainda tinha três semanas, pude calmamente pensar como receber uma visita, o que tinha de comprar e se teria de reservar um quarto de hotel. Além disso, decidi oferecer um presente à Gunda. Claro que não poderia ser um quadro bordado, pois teria de trabalhar nele no mínimo 200 horas. Sabia demasiado bem que embaraçava os mais sensíveis, quando gastava demasiado

tempo na realização de uma pequena surpresa. Decidi-me por uma elegante bolsa de seda preta com uma coroa de amores-perfeitos estilo Biedermeier. O motivo foi criado por mim, e consegui fazer uma pequena obra de arte.

Nunca aprendi a cozinhar, muito menos a fazer bolos. Mas não me poupei a esforços. Fui de táxi até à melhor pastelaria para comprar seis fatias de diferentes tipos de bolos e tartes, para todos os gostos: creme de iogurte com fruta, coroa tipo Frankfurt, torta Sacher ou de maçã. Coloquei na mesa uma toalha bordada por mim (nem possuía outras), que até então nunca tinha usado. Pertencia ainda à minha fase inicial de flores. Flores de macieira cor-de-rosa em fundo verde-pinho, folhas verde-claras e pequenas abelhas fazem parecer a mesa de café primaveril e graciosa.

A Gunda chegou pontualmente. À porta, cumprimentou-me radiosa, quase ansiosamente. O corredor é um pouco escuro, as minhas obras aí penduradas sobressaíam pouco, não poderia esperar nenhuma reacção entusiasmada. Depois de ela ter despido o sobretudo, indiquei-lhe a sala de estar, onde me detive ao centro, para que os quadros pudessem calmamente ter efeito sobre ela.

Apesar de percorrer a sala com o olhar, não disse nada. Só quando lhe servi café, surgiu a pergunta espantada: “Estes bordados são todos da sua falecida mãe?”

Não respondi e coloquei-lhe no prato o meu presente, muito bem embrulhado. Ela desembulhou-o de imediato, graças a Deus com uma curiosidade simpático-infantil. Como já disse, a bolsinha bordada por mim era uma peça de arte. E se se observasse a corozinha de flores com atenção, era possível descobrir no centro o monograma dourado de Gunda. Ela fitou-o fixamente, tirou os óculos da carteira e certificou-se de que realmente estava a ler as iniciais G.M.

Olhou para mim com um ar incrédulo: “Foi o senhor que bordou isto, Sr. Meyer?”, perguntou quase sem voz. Eu acenei feliz e não compreendo, até hoje, porque é que ela saiu logo ao fim de dez minutos e nunca mais deu notícias.

*Trad. de Micaela Marques Moura e Rosa Duarte e Silva*